

A Hospitalidade e a revelação da humanidade. Notas em margem a um pequeno clássico

Hospitality and the revelation of humanity. Notes in margin to a small classic

La Hospitalidad y la revelación de la humanidad. Notas en margen a un pequeño clásico

Josemar de Campos Maciel¹

Resumo: O texto que segue é um ensaio que parte de um livro póstumo de Felix Tomillo Noguero, intitulado “A Hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões”. Ele seguirá de perto o desdobramento das ideias do texto, destacando fontes e enunciando como hipótese o título deste trabalho. O principal resultado deste esforço é uma sistematização de aspectos em que o livro contribui para renovar perspectivas, avançando na configuração de um campo de estudos atravessado pelo imperativo da hospitalidade. Tal campo possui em Noguero um de seus líderes mais destacados, por ser ele um pioneiro dos estudos do turismo. Mas a sua pesquisa aprofunda as discussões para os campos da teologia e da filosofia, entendidas à maneira clássica, e pode contribuir com insights para abrir espaço para um diálogo com as humanidades. O que acena para uma visão compreensiva e atravessada pela interpelação ética e política. A partir da exposição do movimento do texto propõe-se uma hipótese interpretativa, a saber, que Noguero vê a hospitalidade como lugar de encontro do ser humano com Deus (teofania) e consigo mesmo, como espécie perfectível (antropofania). Noutros termos, a experiência da hospitalidade revela a humanidade aos seres humanos, como desafio e como tarefa.

Palavras-Chave: Hospitalidade, Nouvelle Théologie, Filosofia, Antropologia.

Abstract: The following text is an essay that departs from a posthumous book by Felix Tomillo Noguero entitled "Hospitality in the Bible and the Great Religions". One will follow closely the unfolding of the ideas of the text, highlighting sources and stating as hypothesis the title of this work. The main result of this effort is a systematization of aspects in which the book contributes to renew perspectives, advancing in the configuration of a field of studies traversed by the imperative of hospitality. This field has in Noguero one of its most outstanding leaders, for being a pioneer of tourism studies. But his research deepens the discussions towards the fields of theology and philosophy, understood in a very classical and original way, and can contribute with insights to open space for a dialogue with the humanities. What beckons for a comprehensive vision, crossed by ethical and political interpellations? Thus, departing from the exposition of the movement of the text, one offers an interpretative hypothesis, namely, that Noguero sees hospitality as a meeting place of the human being with God (theophany) and with him/herself as a perfectible species (anthropophany). In other words, the experience of hospitality reveals humanity to humans as a challenge and as a task.

Key words: Hospitality, Nouvelle Théologie, Philosophy, Anthropology.

Resumen: El texto que sigue es un ensayo que parte de un libro póstumo de Felix Tomillo Noguero, titulado "La Hospitalidad en la Biblia y en las grandes religiones". Se sigue de cerca el desdoblamiento de las ideas del texto, destacando fuentes y enunciando como hipótesis el título de este trabajo. El principal resultado del esfuerzo es una sistematización de aspectos en que el libro contribuye para renovar perspectivas, avanzando en la configuración de un campo de estudios atravesado por el imperativo de la hospitalidad. Tal campo posee en Noguero uno de sus líderes más destacados, por ser él un pionero de los estudios del turismo. Pero su investigación profundiza las discusiones para los campos de la teología y la filosofía, entendidas a la manera clásica, y puede ofrecer insights que abren espacio para un diálogo con las humanidades. Lo que acentúa para una visión comprensiva y atravesada por la interpelación ética y política. A partir de la exposición del movimiento del texto se propone una hipótesis interpretativa, a saber, que Noguero ve la hospitalidad como lugar de encuentro del ser humano con Dios (teofanía)

¹ Doutor em Psicologia pela PUC Campinas. Pós-Doutorado em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo (USP_EACH). Professor titular da Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: maciel50334@yahoo.com.br.

y consigo mismo, como especie perfectible (antropofanía). En otros términos, la experiencia de la hospitalidad revela a la humanidad a los seres humanos, como desafío y como tarea.

Palabras clave: Hospitalidad, Nouvelle Théologie, Filosofía, Antropología.

1 Introdução

Este ensaio é uma tentativa de encarnar de forma sustentada a preocupação da filosofia e das humanidades com a sobrevivência da espécie humana naquilo que ela possui de mais precioso. O que ela possui de mais precioso não pode ser outra coisa senão o que ela mesma assim considera. Pois aquém dos discursos e das teorias, os seres humanos se encontram, e esses encontros – mais ainda, a possibilidade de encontrar-se e de compartilhar, configura um fenômeno de grande originalidade e que traz grandes desafios. Essa ideia é a base de um livro, que por ser póstumo não permite mais que o autor responda. Por outro lado, por ser de pequeno porte, poderá vir a ser mais fácil para abrir uma discussão fecunda. Trata-se do livro “A hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões”, de Félix Tomillo Noguero. Ele será o ponto de partida para as páginas que seguem, que tentam explorar a sua capacidade de gerar perspectivas de renovação em diversos campos, partindo de um esforço que vai da descrição do fenômeno da hospitalidade a conteúdos e elaborações mais teóricas.

O livro será comentado de muito perto, para que leitores de cursos de graduação e de pós-graduação possam se aproximar dele. Ao mesmo tempo tenta-se trazer para o comentário alguma referência técnica para clarear a força do diálogo que ele propõe. O movimento do texto é um desafio para quem queira pensar vários fenômenos humanos da atualidade. Tomillo parte do fenômeno, aprofunda a documentação de grandes tradições que o protegem, e dali extrai aplicações e consequências.

Não se tenta inovar. O que segue vai pouco além de um comentário, entendido ao modo dos comentários em que autores medievais exploravam fontes de autoridade para posteriormente aprofundar seus estudos. Por isso, tanto quanto possível, manteve-se a documentação rigorosamente, acenando para as páginas de onde se extraíam as expressões. Uma premissa deste trabalho, então, é que o texto que aqui se comenta é um indexador de perspectivas para aprofundamento futuro. Pode-se afirmar, chamando em causa a tradição de Diógenes e sua famosa lanterna, que se está na presença de um indexador heurístico.

De fato, a hospitalidade é uma experiência singular. Ela acontece na linha da pele,

nutrição, descanso e segurança mínima. Entretanto, ao mesmo tempo ela se condensa poderosamente como conceito capaz de temperar temas e discussões de grande espectro. O texto faz justiça a essa característica de dinâmica ancorada em dimensões muito evidentes e epiteliais, como se verá.

2 Posição do desafio. Anotações em margem ao prefácio da obra

O prefácio de Luiz Octávio de Lima Camargo (p. 9-16), conecta a obra a uma herança intelectual materializada numa biblioteca física, hoje situada na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo. Muitos prefácios são dispensáveis, mas não é o caso deste, que conecta de forma vigorosa a discussão sobre hospitalidade a uma forma dinâmica de refletir sobre a sociedade e as diversas possibilidades do que se denomina como economia. Para Camargo, as reflexões de autores como Marcel Mauss, Georges Bataille e Nicolas Georgescu-Roegen, entre outros, apresentam o modo como conceitos que foram sequestrados com muita velocidade pela discussão financista, como a de valor ou troca, estão afetadas por preconceitos disciplinares ou por falhas de contextualização histórica. Esses entulhos atrapalham o seu desenvolvimento pleno, obstaculando fluxos, ou o enviesam, desviando as discussões de interesses mais amplos. Marcel Mauss e Nicolas Geogescu-Roegen medeiam a economia com a antropologia e com o seu olhar etnográfico, atento à cultura e aos fenômenos particulares, e são importantes críticos do desenvolvimento e precursores das discussões sobre sustentabilidade. Mauss² estuda formas alternativas de se considerar o significado do valor, para além das trocas monetárias, e o sentido do enriquecimento, para além do acúmulo. Já o romeno Nicolau Georgescu-Roegen questionou a possibilidade de se crescer, acumulando bens, sem limites, sem levar em conta o fato que o planeta e seus recursos são limitados, segundo um detalhado estudo³. Mas Camargo vai além deles, chamando em causa o olhar da paleoantropologia (p. 12), anotando a documentação crescente sobre o salto qualitativo realizado pela espécie humana, desde as primeiras estruturações, no paleolítico, até a sedentarização, no neolítico. Em outros termos, antes que Noguero ocupe a cena com sua

² Sobretudo no seu *Ensaio sobre o Dom* (Mauss, 2003).

³ Sobretudo em seu clássico sobre a lei da entropia, *A lei da entropia e o processo econômico* (1971).

fenomenologia da hospitalidade nas religiões, Camargo oferece pressupostos para o estudo da hospitalidade como presente na raiz da economia, como nos autores da antropologia econômica, e ainda, como fenômeno presente na raiz da espécie humana. Se o ser humano é *homo sapiens*, ele deve parte disso à hospitalidade. Isso pode – cada vez mais claramente – ser afirmado a partir de uma documentação que dialoga com diversas áreas do conhecimento da experiência humana.

Mas a hospitalidade não é o umbral de um romance. Ela pode ser vista, observa Camargo, sob o signo de uma ambiguidade. Ele põe a pergunta, se a espécie humana seria identificada à figura-tipo do caçador Caim, que assassinou o agricultor Abel, ou pelo contrário, com o mítico Sísifo, que trabalha incansavelmente para retomar a circularidade e a falta de sentido em seu afã diário (p. 13). Com isso, Camargo situa bem a problemática, deixando claro que o desafio de pensar a hospitalidade "na Bíblia e nas grandes religiões" não se restringe ao exercício técnico de interpretar apenas a estrutura e as camadas redacionais de livros considerados sagrados para grandes tradições religiosas, elaborando discursos disciplinares e exegeses. De saída aparece a temática, que este texto seguirá a partir de Noguero, do tensionamento entre o caminho da hospitalidade e o da autoproteção.

De fato, ao recorrer à discussão da antropologia e história dos primórdios da civilização, ou seja, em uma escala muito ampla de análise, o prefácio do livro já remete a uma problemática decorrente da sedentarização da espécie humana. Esse movimento é apresentado como o primeiro de um processo de grande espectro que impactou o ambiente entendido em sentido amplo, autorregulado e repleto de teias de vida, personificado na personagem mítica de Gaia. Noutros termos, o prefácio aponta para a tarefa de rever nos textos considerados sagrados por, pelo menos, quatro tradições religiosas, a hostilidade como parte constituinte da própria experiência do dar e receber da hospitalidade (p. 14-15). Camargo observa que a hospitalidade, ou seja, a própria experiência que recebe esse nome, implica também, já em si mesma, a agressividade contra os outros que sejam eventualmente considerados ameaçadores.

De fato, no campo da filosofia mais próxima do assunto, Derrida pontua essa tensão cunhando o neologismo “hos(ti)pitalidade” (2000), além de enunciar a própria hospitalidade ilimitada como “possibilidade impossível”. O prefácio não detalha a análise, mas a deixa enunciada, afirmando que seria importante um confronto entre Derrida e o militar e antropólogo Pitt Rivers. O texto de Pitt Rivers contribui para adensar a atenção sobre processos

diversificadores para o que se entende por sociedade, economia, formas de troca e relações de valor, pois é um pouco anterior à obra monumental de Mauss, e estuda, como precursor, formas de obtenção e de negociação de honra e de graça (Peristiany; Pitt-Rivers, 1992). Esta concentração entre Mauss, Pitt-Rivers, Georgescu-Roegen, e diversos outros, aponta para o material que falta explorar.

Camargo afirma que estudar a hospitalidade pode ser um exercício de construção crítica. O estudo da hospitalidade pode ser entendido como sendo a entrada de posse de uma *tessera*, aquele bilhete de ingresso que assegura o acesso a monumentos, casas de acolhimento, meios de transporte e mesmo a Igrejas, dependendo das regras e das dinâmicas institucionais. Mas a posse desse bilhete, ainda não garante nada além da entrada. As dinâmicas de fruição e de porosidade terão que ser estabelecidas a partir das relações entre hóspedes e anfitriões. De fato, pode-se observar que todo o livro de Noguero aponta para um convite a perceber perspectivas mais amplas, por debaixo das relações epiteliais. Como um ingresso ou um objeto de porte discreto. Note-se que a *tessera* é pequena, como também o livro, de menos de duzentas páginas.

3 Um ato de escrita hospitaleira. Nota em margem à apresentação

Alexandre Panosso Netto assina a apresentação do livro e constitui-se como o principal responsável pela obra. Ele mesmo qualifica-se como seguidor atento e continuador do trabalho de Noguero, de construir pensamento sólido a partir da hospitalidade, no campo do turismo. Netto oferece mais detalhes sobre a gênese do projeto, pois reelaborou e editou a primeira versão do material, originalmente uma conferência do Professor Félix. Fica documentado que a redação do texto é também um trabalho em que aparece a atenção e o cuidado com o outro e com o seu patrimônio. Fica ainda mais clara a elaboração do patrimônio da memória a partir de experiências dadas de graça que constituem, como se verá, traços dos desdobramentos filosófico-teológicos da hospitalidade⁴.

Essa apresentação chama a atenção para a necessidade de a academia reconquistar espaços interdisciplinares para a construção de espaços hospitaleiros. O livro é originalmente

⁴ Para não fugir ao escopo deste trabalho, pode-se apenas acenar a esta perspectiva, da elaboração do luto como preservação e avanço da memória, como em Derrida (1999), Bennington (2010) e Badiou (2009).

pensado e redigido em espanhol, mas a sua primeira edição é esta tradução em língua portuguesa. A própria história da sua redação foi uma experiência de hospitalidade, de construção de um autor, com a participação de muitas mãos.

As notas de rodapé são abundantes e aparecem desde as primeiras páginas do texto. Elas atraem o leitor para a ideia de que existe por debaixo do texto um esforço de síntese. Esta se movimenta a partir da experiência documentada pelas grandes religiões e se concentra na Bíblia, num esforço de cristologia leiga. O movimento é de expansão, da experiência nas grandes religiões às possibilidades de reconfiguração da experiência humana como tal. O leitor não encontra no livro uma fenomenologia da religião como hospitalidade, mas um ensaio a partir de uma intersecção. As escolhas do autor servem para ilustrar a sua concepção de hospitalidade, e ele se identifica como cristão (p. 56). Todo o movimento do texto é marcado pela pontuação de sentidos e texturas que dialogam com a teologia. Começa com o sentimento geral da divindade, continua na experiência de precursores e concentra-se na experiência cristológica, mostrando a profunda relação entre a experiência do judeu-cristianismo e a plasmação da cultura ocidental. Esta relação é apontada também em autores recentes da área específica da fronteira entre a teologia e a cultura (Young, 2001). Isso não aparece de modo forçado e conduz o leitor à intuição de uma tridimensionalidade na experiência das relações de hospitalidade. Essa estrutura aparece desde a divisão mais ampla, que cinde o texto em duas partes, seguidas das referências.

4 O movimento do pensamento no livro. A soleira da lei da hospitalidade

A **primeira parte** do livro trata das Grandes Religiões (p. 27-52). Em uma sinopse, Noguero sintetiza as relações entre o turismo e as religiões em sete pontos, formulados como teses amplas. O estilo se repete ao longo do livro, e o leitor pode concentrar-se sobre a relação entre as práticas e instituições religiosas e a hospedagem, caracterizada como uma espécie de materialização da intersubjetividade. O grande anfitrião destas primeiras páginas é Deus, que aparece desde a religião/cosmogonia grega. O caminho dos humanos parece traçado em dois grupos. De um lado, os grupos humanos *hodômanos* ou *hodófilos* - aquelas comunidades que amam e respeitam o caminhar. Do outro lado, posicionam-se os *hodófobos* - as comunidades que têm medo de abrir-se a algo mais que o sedentarismo, e erguem barreiras de defesa e ataque.

Esta primeira categorização apresenta uma rica perspectiva tipológica, se confrontada com a forma como os processos de urbanização tendem a desvalorizar sociedades nômades ou semi-nômades, consideradas sem território. A discussão contemporânea aponta como existe uma espécie de materialização da hodofobia, na construção do território como proteção de fronteiras e de repulsa ao contato. Desde os condomínios e edifícios, até as fronteiras vão ser, de fato, blindadas, no processo de construção do pertencimento como defesa frente ao outro (Sassen, 2014). A antropologia tem muito a dizer sobre as sociedades seminômades e a sua função para a preservação de estruturas comunicacionais humanas sensíveis – ou seja, sua efetiva hodofilia (Khoshravi, 2010; Meliá, 2016: 13-28). Também a geografia crítica, que estuda a construção de uma civilização menos acumuladora, a partir das periferias, nas idas e vindas dos pequenos comércios e movimento sociais junta-se a ele em sua importância e riqueza (Peet, 2004).

Em quatro páginas e seis notas de rodapé, o leitor é remetido à carreira de Noguero, com uma primeira conceituação de hospitalidade, e de sua fecundidade para ajudar a entender o fenômeno religioso. É preciso atenção ao movimento de solidariedade impulsionando a sedentarização e a institucionalização das populações, de forma dialética. Aqui o céu, o além, é apresentado como que numa estrutura gramática, para se imaginar a figura de "um super-hotel paradisíaco" (p. 30). Já neste ponto, mas também em outros momentos do livro, fica claro que o autor se refere ao campo do turismo, mas extrapola esse lugar teórico.

Mesmo o conceito de turismo e algumas escolhas exegéticas mostrarão que ele acena para uma matriz antropológica como leitura da experiência humana, em diálogo com a teologia católica da primeira metade do Século XX, e com a antropologia filosófica. Assim faz sentido a ideia de um comércio de hospitalidade que não é um comércio, ou indústria, como o mundo conhece desde o mercantilismo, mas um grande diálogo como esboçado pela história do dogma cristão, um *commercium hospitalis*, intercâmbio de valores a partir daquilo que as culturas possuem de mais precioso (Steenberg, 2009; Long, 2000).

Após esse primeiro enunciado, o livro apresenta uma tipologia, em três capítulos. O capítulo das "crenças e atitudes" (p. 31-33) discorre sobre a circularidade entre a religião e a acolhida do hóspede, a partir de exemplos, que encarnam a condição peregrina do ser humano. Na tradição judaica das Escrituras, que se expande para além dos livros do Antigo Testamento, aparece com clareza que "é preferível fazer Deus esperar do que deixar de receber ao hóspede

com diligência". Essa citação da p. 32 chama em causa o Talmud, que faz parte do *corpus* de comentários ao primeiro núcleo de Escrituras do judaísmo. A hospitalidade aparece desde o início como critério para construir o comportamento desejável, pautado não pela obediência a normas, mas pela capacidade de surpreender o outro. Isto será importante mais adiante.

Seguem dois capítulos caracterizando o inimigo e o estrangeiro. O inimigo é apresentado como sujeito de direitos e, eventualmente, de hospitalidade, recordando o axioma fundamental que afirma que a hospitalidade tem o poder de converter o inimigo em amigo. Esse enunciado é uma variação da chamada lei do amor, que será desenvolvida no Novo Testamento. Quando Jesus ordena que o cristão não resista ao mau, virando-lhe a outra face, esse gesto, entendido a partir da perspectiva da hospitalidade, será o equivalente teológico à desconstrução do inimigo, para a posição de instauração de um intercâmbio e para a construção de um amigo⁵. O inverso desta atitude seria a xenofobia, e a declaração de um conflito aberto. A possibilidade de se acolher e, assim, converter o inimigo em hóspede, dissolvendo a pungência desse gênero de conflito, é apresentada também como um marco ontológico que distingue a comunidade humana como um fenômeno refinado, se comparado a outras comunidades naturais.

A elaboração dessa ideia assinala um itinerário de trabalho para entender como, e a partir de que possibilidades efetivas, o ser humano aprende a ser ético, abraçando a modalidade hospitaleira da vida humana. O corolário deste caminho é a menção do trabalho de Jean Daniélou, que afirmou que "a comunidade humana se constrói quando o estrangeiro se converte em hóspede" (nota 6, p. 28-29). Essa reflexão, aqui aliada ao tema da hospitalidade, torna-se cada dia mais atual e crítica.

Em seguida à caracterização do inimigo, o quarto capítulo desdobra linhas para uma fenomenologia do "estrangeiro" (p. 41-52). Curiosamente, Noguero considera o turismo como anterior à modernidade, mantendo a ideia de um "turismo primitivo". Talvez este capítulo ajude a entender por que ele manteve essa opção inalterada ao longo de sua carreira.

O capítulo apresenta um esboço de marco ontológico, que distingue o turismo como um ato nitidamente humano, que se funde com a gênese do horizonte antropológico. Esse horizonte

⁵ Tema muito caro à construção de uma "moral Fundamental", na obra de Klaus Demmer (1985), por exemplo.

é constitutivo e essencial. Ou seja, se a condição mais própria da espécie humana se mede pela possibilidade da conversão do inimigo em hóspede, na criação do campo das trocas (linguagem e outras), aqui esse campo se expande e fica claro que "a hospitalidade dos povos se mede pela recepção que é dada ao estrangeiro" (p. 41). O estrangeiro é tipificado como um fenômeno intermediário entre um inimigo em potencial e o estrangeiro, um outro simpático, mas não ajustado.

O estrangeiro aparece e é analisado em relação aos hospedeiros em um esboço de tipologia (negado, discriminado e indiscriminado, p. 41-47). A prática da negação da hospitalidade ao estrangeiro é uma condensação das soleiras da identidade, e expõe a dificuldade de transpô-las, por via da cristalização institucional do medo ou do ódio. Em vigorosas pinceladas o leitor entrevê direções importantes para estudar a inospitalidade, ou a xenofobia, como as narrativas que deram origem ao sistema de castas na Índia e alguns mitos fundadores para todo o Ocidente, e que ameaçam a abertura ou a porosidade, nas suas religiões.

Em seguida, Noguero extrapola a discriminação do estrangeiro para o quadro da construção de relações internacionais como esforços para regulamentar a distância a preservar, na relação com povos e alteridades. Essas alteridades são percebidas como potencialidades, e como ameaças para os núcleos de trocas identitárias. O livro destaca os pactos de comportamento que regulam importantes entrepostos, de caravanas ou de navios, bem como tratados, apresentados como esboços de construções políticas da futura nacionalidade, ou nacionalismo (p. 45, caso do documento indiano *Arthashastra*, citado na nota 14). Esta passagem do livro (p. 46-47) marca a distinção entre uma convivência harmoniosa, em que diferentes se convertem em comensais, a *filoxenia*, e a *filadelfia*, ou a paz transitória das sociedades que não se amam nem se odeiam, regulam-se por pactos mas não resolveram bem o medo nem o ódio, podendo a qualquer momento quebrar os monumentos que assinalam os pactos. Quebrar o contrato, *tesseram confringere*, é um movimento considerado simbólico e portador de más notícias, próximo ao crime ou à declaração de guerra, no jogo da construção das relações humanas.

O ponto alto do capítulo é a ideia de indiscriminação, que assinala "a igualdade e a universalidade" (p. 47). O estado de *filoxenia* (amor ao estrangeiro) é a experiência que resolve a tensão entre o estrangeiro e o hospedeiro, na fusão da identidade ou dissolução da distância. O estrangeiro é recebido e assimilado de forma apresentada como perfeita. Vários exemplos e

instituições são citados, mas impressiona a tipologia (p. 47-48) que ressalta a convergência numerosa de peregrinos; a perfeição da proteção legal destinada ao peregrino; até o seu paroxismo, a prática da prostituição sagrada. A *filoxenia* percorre a história, para Noguero. Comparece desde os povos mais antigos, como a primeira civilização babilônica; atravessa a religião grega, cindindo as divindades entre as hospitaleiras e as hóspedes, documentando a proximidade entre a estruturação social e a religiosa, das comunidades humanas.

O percurso da indiscriminação, praticado pelas religiões, atravessa ainda diversas populações indígenas e o Budismo, chegando até ao texto do Alcorão, que apresenta o paraíso como um hotel muito luxuoso, o "jardim das delícias" (p. 51). Noguero segue com seu percurso, buscando mais formas de indiscriminação ou *filoxenia*, arrematando o capítulo com exemplos da filosofia. Comparecem Platão, a filosofia romana e hispânica, para atestar que a realidade da *filoxenia*, o acolhimento incondicional, é capaz de libertar os homens da diferença ocasionada pelos conflitos. É a tese do Autor sobre a "Catálise" (p. 52, nota 26). Desde os helenos, a humanidade viveria o dilema da desunião, em suas múltiplas formas, ou a paz, pela dissolução da condição de estrangeiro e pela instauração da hospitalidade. Essa síntese da antinomia, calcada na linguagem dos dois caminhos, comum no corpo dos escritos sapienciais, aparece literalmente (p. 52): "Alguém poderia dizer que a língua nos sugere que o dilema da humanidade é ou a desunião, ou a hospitalidade".

Em todo o livro, as grandes religiões aparecem como pano de fundo para o Autor enunciar essa tensão, que tenta resolver. Aqui surge o recurso mais original, do ponto de vista hermenêutico. Ele lança mão da leitura da história apresentada pelos primeiros teólogos cristãos, resgatando as intuições de De Lubac e Daniélou. Isso é apresentado revisando a tensão entre o Antigo Testamento, na segunda parte, em que Deus aparece como o anfitrião, e o Novo Testamento, em que aparece Cristo como hóspede (terceira parte). Desdobrando-se as partes, essa tensão compõe todo o quadro conceitual.

5 Truques da negociação hospitaleira

A **segunda parte** do livro concentra-se na Bíblia (p. 55-110), trazendo questões que indicam traços de um programa de leituras para se estudar esta construção da hospitalidade em diálogo com a teologia e as humanidades, e sua aplicação aos estudos turísticos. Como premissa,

deve-se notar como o papel estruturante da hospitalidade na relação com Deus e na estruturação da experiência se manifesta em uma opção exegética que abre a segunda parte do livro: Noguero não inicia a reflexão sobre o Novo Testamento na criação de Adão, mas na aliança com Abraão, que supostamente teria vindo depois daquela.

De fato, no cânon dos livros da Bíblia o Antigo Testamento começa no primeiro capítulo do livro do Gênesis. *Bereshit*, o nome do livro em hebraico, significa “o princípio”. O livro parte da criação de Adão e Eva para a aliança de Abraão, o que estrutura a percepção da religião como uma relação de submissão a um Deus criador e transcendente (Ravenna; Federici, 1978). Neste sentido, o judaísmo teria um ponto muito próximo à ideia islâmica da submissão - de fato, a palavra *Islam*” significa exatamente “submissão” (Esposito, 2009; Hewer, 2006).

Aqui, no entanto, Noguero segue uma nuance exegética diversa, propondo uma linha de leitura segundo a qual a narração da história começa na forma como a própria religião judaica se percebe, a saber, como uma religião de aliança, que acontece a partir das relações de Deus com Abraão. A partir dali, espraia-se e ilumina mesmo a representação que Israel expressará da própria identidade, e de sua relação com outros povos (Grypeou; Sperling, 2013). Nessa visão, fundante da própria religião de Israel, o início do Antigo Testamento não é o Eden, mas Abraão. Isso tem um motivo histórico, que é a identificação dos judeus com aquele a partir do qual se consolidou a narrativa identitária mais forte, ligada à terra, como aponta Anke Mühling (2011). Aqui Noguero acrescenta um matiz teológico particular. No “Eden”, no paraíso das primeiras narrativas adâmicas, Deus não é apresentado tão claramente como “comensal” de Adão e Eva. Aparece mais claramente como o receptor do sacrifício dos criadores de ovelhas, ou seja, de Abel, e como quem se recusa a atender ao sacrifício agrícola de Caim. Nos trabalhos históricos de Gerhard von Rad, esta questão se põe como a tensão entre o Deus salvador e o Deus criador do mundo (von Rad, 1975). Para Noguero, a narrativa mostra a importância das trocas humanas que ele categoriza como “turismo”.

Na aliança de Abraão, de fato, a comensalidade integra o foco central. O que pode parecer uma opção estranha, pode ser apontado como mais um passo de Noguero na construção de uma visão da hospitalidade que implica em reciprocidade. Essa visão encontra ressonâncias na consideração da religião judaica a partir da relação com os patriarcas (Mühling, 2011; Baden, 2013). Para um cristão é fácil ver a reciprocidade total exposta na condição de Cristo como

hóspede. Mas esse movimento é enquadrado por Noguero como fundado em resposta àquela tensão originária, entre o agir de quem escolhe o sacrifício e manda emissários, e Abraão, o Pai do Povo, capaz até mesmo de deixar Deus esperando enquanto atende às demandas da hospitalidade.

O Antigo Testamento, nesta leitura, recupera este centro forte de gravidade, ao redor do patriarca Abraão, e Ló, que aparece algumas páginas depois, plantando o livro dos Juízes como o outro centro, registrando um momento histórico em que Israel enfrentava o desafio de fixação territorial, mais próximo das configurações atuais. No caso, Ló será mostrado como o herói que se salva da aniquilação mediante uma defesa incondicional da sacralidade do hóspede e como figura-tipo da hospitalidade, ou seja, uma personagem que encarna completamente a ideia e, assim, pode ser projetada como modelo. Um dos principais propositores desta forma de ler a Bíblia é o filósofo que dá origem à exegese tipológica no Cristianismo, o judeu Fílon de Alexandria (Wolfson, 1962).

Em síntese, a estruturação da religião como hospitalidade vai ganhando força no livro, e concentra-se ao redor de duas narrativas, a de Abraão e a de Ló. Abraão aparece como pai de um povo porque mereceu ser anfitrião de Deus (p. 55). O próprio Deus, por outro lado, é um dispensador de hospitalidade (p. 55), com atributos que são chamados de “atributos turísticos específicos” (p. 56-57): sobretudo, é hospitaleiro, pois provê hospitalidade gratuitamente.

Esta primeira característica é fundamental, pois conecta o estudo das práticas humanas como tensão entre graça e honra (Peristiany; Pitt-Rivers, 1992) ao tema teológico do tratado da graça. A graça divina e a resposta humana são considerados o binômio mais importante e estruturante para o edifício da teologia por uma importante linhagem de teólogos, de Agostinho a Karl Rahner (1964).

O realinhamento da teologia vetero-testamentária prossegue com outros atributos divinos de riqueza excepcional: Deus é chamado de protetor; hospedeiro, restaurador, guia, viajante, hóspede e comensal (p. 57). O esforço de assinalar a estruturação da religião ao redor da hospitalidade prossegue mencionando a avaliação do viajante como quem transporta a luz, conseqüentemente as ideias novas e o conhecimento, citando um livro raro de Frei Roger Bacon, *Of Travel*. Mais uma vez, em poucas linhas o professor aponta linhas de força que merecem aprofundamento. De fato, a figura do viajante acompanha o Ocidente desde as peregrinações de

Aristóteles para poder configurar suas novas áreas de conhecimento (Natali, 2013), até a obra do Pseudo-Aeropagita, que considera a maior ou menor proximidade da Luz como critério de conhecimento, de santidade a também de acesso ao poder, na entrada da Idade Média (Rorem, 1993).

A prática de ver viajantes como portadores da luz, conhecimento, novidades e tecnologias percorre toda a história da espécie humana, e possui alguns pontos de concentração. De fato, as migrações foram o primeiro mecanismo de sobrevivência para que a espécie humana se tornasse predominante no planeta e fosse capaz de sobreviver, modificando-o de acordo com seus desejos e necessidades. Mais, a humanidade deve ainda o conhecimento de práticas e produtos domesticados pela agricultura a populações nômades e seminômades, que desenvolveram as técnicas e as espalharam por diversos lugares. Ainda, as ciências, em suas ondas de desenvolvimento, têm sempre se valido de viajantes, que fugiam de guerras e levavam consigo segredos, equipamentos, livros escondidos em baús. Noguero mostra aqui como o Antigo Testamento é atravessado pela plena consciência da importância dessa presença fertilizadora, que suaviza a dor e a crueldade das guerras e dos desencontros. Mas o Antigo Testamento aduz um elemento, o da sacralidade do viajar e do hospedar.

Um ponto alto do livro é o enunciado de que a hospitalidade estrutura o sistema legal das religiões monoteístas, pois se dá anteriormente à entrega do decálogo (p. 59-75). Estas páginas sistematizam práticas sociais, como o entendimento da religião como graça, e a construção do mercado como espaço subordinado à troca hospitaleira. Noguero enuncia sucessivamente a lei da hospitalidade, que combina com os pressupostos da hospitalidade dos beduínos (nota 11 da página 66; p. 67). A hospitalidade beduína aparece como uma resposta humana graciosa, no espectro de toda a experiência. A lei reza que receber, atender, cuidar e celebrar (com) outros indivíduos e comunidades é um dever humano porque fundamenta a sobrevivência, como no espelho das comunidades nômades em que a inospitalidade no deserto corresponde a uma sentença de morte por desidratação ou assassinato (p. 62-63). Isso adensa-se como um dever teológico, porque espelha a dinâmica da relação entre a iniciativa de Deus e a resposta humana, que vai além da obediência, progredindo para a concepção da imitação criativa do comportamento divino (p. 60-61). A hospitalidade beduína vem sendo recentemente

desenvolvida no sentido de ressaltar possibilidades de construção da vida social de modo diverso das dinâmicas de competição e acumulação (Rabinovich, 2017).

Em três casos da página 63 Noguero oferece espaço para mais um aprofundamento. Abordando o caso das recompensas por ações de hospitalidade, ele arrola casos do Antigo Testamento e do Corão. Entre eles, três se destacam como especiais. Trata-se, em primeiro lugar, da narrativa dos pais de Sansão (Jz 13), que recebem um desconhecido e são recompensados podendo “ver Deus”. Este caso espelha claramente a narrativa originária de Abraão, que apresenta a prática da religião como reciprocidade em relação a Deus. Essa forma narrativa confirma-se, assim, como a fonte do chamado do povo judeu como graça por parte de um Senhor hospedeiro que nutre, e que se revela de modo paradoxal. Quem acolhe o estranho visitante, mostra-se capaz de ver a Deus. Essa passagem marca o conflito entre a visão do Gênesis e a do livro dos Juízes em relação à hospitalidade, ou a tensão entre Abraão e Lot. Atualmente há trabalhos que exploram a relação entre Deus e o povo, de forma retórica ou explorando a estrutura narrativa (Klein, 1989; Guest, 2019).

A mesma dinâmica aparece no caso de Gideão, que hospeda alguém que se revela como um anjo (Jz 6). Essa narrativa introduz uma diferença na gramática original da aparição a Abraão, que era a da promessa de um pertencimento e de uma nação. Aqui a ideia ganha uma pintura conflitiva, de narrativa de libertação, que reconfigura a denominação de um território. Esse território, histórico e geográfico, passa a ser denominado algo como “paz de Deus/plenitude de Deus”, ou seja, IHWH-SHLM, e reconfigura também o nome do profeta que, antes, chamava-se Gedeão e, agora, denomina-se *Jerobaal*, algo como, “Se IHWH defende, Baal que se resolva”. As relações entre a designação de Baal como um inimigo, e a apropriação de atributos ao longo da construção da imagem de IHWH são também outra aventura a ser aprofundada (Anderson, 2015).

No momento historicamente importante de fixação do modelo monoteísta de Israel – essa narrativa, ainda é henoteísta, ou seja, aceita “outros deuses” – a hospitalidade se mostra como o critério escolhido por Deus para conquistar a confiança de seu hóspede, que está em perigo e assim se sente cuidado e protegido. Aqui se vê como Noguero demarca a transição daquele primeiro modelo, abramítico, de Deus abençoando Israel em especial, mas acolhendo todos os seres humanos, para este outro modelo que o tensionará. A visão é a de um povo que, para ocupar

uma terra, precisa expulsar outros povos, cujos deuses serão cada vez mais desqualificados até assumirem a sintaxe de demônios (Soggin, 2002). O processo possui uma documentação consolidada, na modalidade de uma apropriação retórica de categorias e atributos pertencentes aos Baais da região (Anderson, 2015).

Em terceiro lugar aparece o caso do ancião da cidade de Gueba, em Israel (Jz 19). Ele recebeu um hóspede, um levita, e uma parceira, e não recebeu nenhuma recompensa por esse fato. Acontece que, para proteger o levita, ele oferece a concubina deste para os invasores. O levita, ao saber disso, mesmo agradecendo à concubina pela sua lealdade, retalha-a em doze pedaços e a envia às doze tribos. O episódio cruel e ressalta a tentativa de territorializar o chamado de Israel como ocupação e assentamento, e temperar a proteção do hóspede com resquícios de narrativas semíticas ancestrais, conferindo assim mais credibilidade aos relatos.

Nesses três casos, pinçados entre vários outros, aparece um grande desafio para aprofundar o tema da hospitalidade. De fato, o livro dos Juízes tem sido recentemente estudado em sua dinâmica de constituição do estado de Israel em oposição à visão expansionista universal do Gênesis e a partir da agenda do Deuteronômio, da consolidação do pertencimento como aumento da coesão entre as doze tribos formadoras, e do monoteísmo (Soggin, 2000; 2002) e, ainda, a gramática das relações retóricas entre Israel, como hóspede especial, e seu Deus, que vai ganhando cada vez mais a forma de um advogado desse povo (Baker, 2016). Aparece aqui a hospitalidade como um subtexto rico de tensões. Noguero opta pela visão universalizante, como também o cristianismo – ou parte dele.

Ainda no âmbito dos comentários à lei da hospitalidade deve-se dar muita atenção ao tema da retribuição, que é diferente no Islã, no judaísmo rabínico, e é complexo, no Antigo Testamento. Também o tema do “estrangeiro” que possui a ambiguidade de poder tornar-se um hóspede ou ser despedido, é brevemente tipificado (p. 66), provocando para ulteriores desenvolvimentos temáticos. O texto de Noguero descortina a rica semântica do estrangeiro, comentando a palavra hebraica. Pode ser tanto o não-cultuador de IHWH, o não-israelense, ou ainda o “insidioso”, conspirador antissistêmico que representa ameaça à fidelidade a Deus. A temática continua cada vez mais atual (Kerney; Semonovitch, 2011; Houston, 2015), e ecoa a reflexão derridiana que considera Israel como espiritualmente estrangeiro. Para Derrida, Israel possui uma zona vazia. Essa zona é o espaço da *Torah*. Essa palavra, também muito rica,

apresenta-se mesmo tempo como a lei que se deve obedecer, assim fundando as visões mais rígidas e legalistas do judaísmo. Mas também como a escritura de um encontro saboroso a desfrutar e celebrar, e que se desdobra na vida, mediante a prática da devoção filial a quem dá a lei. Derrida afirma, impingindo a Hegel a acusação de superficialidade, que “lá, sob o texto da Aliança e sob as pedras do templo, sob a tenda do Tabernáculo, o que é próprio do judeu é um espaço vazio, que lhe é infinitamente estrangeiro: a Lei” (Derrida, 1974: 70).

Outro trabalho relevante de Noguero é a recuperação do comércio como negociação identitária entre hóspedes e hospedeiros, para além do comércio como escravidão recíproca onerosa, retributiva ou financeirizada. O risco de se entender a retribuição financeira como uma forma de desprestígio e de prostituição era grande, na antiguidade, ressalta ele (p. 67), em diálogo com a teologia contemporânea, que retrabalha a noção de economia a partir de iniciativas de salvação, para além do postulado da independência metodológica entre as disciplinas (Long, 2000). A acolhida, típica da hospitalidade, acompanha-se de assistência, proteção, suporte e escolta, se o caminho assim o obrigar (p. 69). E ainda, deve materializar-se em rituais de banquete que encenam a gratuidade. Uma das designações de banquete seria, no cristianismo nascente, *agápe*, material. Diferente do *sympósion*, palavra de Platão para designar a filosofia como conversação multilateral, com ênfase sobre o intercâmbio de opiniões. Aqui, a hospitalidade, se materializa como desfrute e lavração conceitual e documental da definitividade dessas relações de troca (Smith, 2003). Elas acontecem no compartilhamento de teto, comida, bebida, na liturgia de corpos que não se estranham e não se dão à consumação total da violência, mas a ultrapassam na simbolização do sacrifício e na comida recíproca, ou no intercâmbio de *tesserae* (p. 69).

Noguero documenta que a hospitalidade não pode ser recusada (p. 73-74), pois é a materialização de uma complexa relação que constrói a própria humanidade. O anfitrião é já hóspede de Deus. Quando este oferece hospitalidade, aquela pessoa que recebe a oferta não a pode recusar, porque é *alter-ego* do anfitrião e porque é pessoa sagrada. Para sustentar esta afirmação de identidade dividida dos humanos e de prioridade das relações de cooperação e acolhimento, Noguero chama em causa a destruição de Sodoma, e o capítulo 19 do livro de Juízes. Ali, a hospitalidade e a inospitalidade demarcam a fronteira entre a paz e a guerra de destruição. De fato, *Shalom* é uma plenitude de bens e valores que se repartem entre irmãos e estrangeiros, mais do que uma simples cessação de conflagrações (Healey, 1992, v. 5: 206-212).

Da página 75 a 93, Noguero visita a antropologia. Enuncia “todos os homens” como hóspedes (p.75); oferece uma “tipologia dos hóspedes” (p. 80); comenta o caso de Sodoma e de Ló (p. 86), para concluir com um mecanismo pedagógico divino para fortalecer a fé e os valores nas pessoas e comunidades (p. 89). Algumas considerações seguem, para explorar implicações dessa visita. Sobre a ideia de que todos são hóspedes, deve-se retomar a tensão entre o programa da hospitalidade irrestrita e o outro fechado, da hospitalidade destinada apenas aos amigos ou a quem preenche determinadas condições. Noguero nota essa tensão no texto da Bíblia e aponta (p. 75). Anota a tensão entre o Gênesis e o Deuteronômio, com sua intensificação no livro dos Juízes, ao documentar a sedentarização de Israel, quando ocupa a chamada terra prometida. Aparece no texto uma visão esboçada, é verdade, mas que não poupa o texto das tensões históricas que vêm sendo discutidas por exegetas atuais (Soggin, 2000; 2002). Refere que a tensão é interna ao próprio judaísmo, sendo que os essênios (p. 77) preservaram a abertura maior, enquanto as leis da pureza serviram para restringir o acesso dos estrangeiros *allophiloí* (pertencentes a outras tribos) à hospitalidade judaica.

A resposta de Noguero a essa tensão retoma um dos núcleos do pensamento de Jean Daniélou, citado em um texto raro, na nota 27 (p. 80). Para Daniélou, é importante falar de uma teologia da hospitalidade, uma vez que a escolha de Israel como povo de Deus dá testemunho do acolhimento divino, replicando-o entre as nações. Isto denota o cerne da hospitalidade abramica, na leitura dos Padres da Igreja. Essa hospitalidade deve superar as estreitezas do processo de nacionalização do povo judeu, desembocando em atitudes de acolhimento. A concepção teológica no esquema tipo-antípico está na base do universalismo judeu-cristão (Daniélou, 1991).

A criação se consuma com o cumprimento da hospitalidade. Isso, para Daniélou, é um axioma forte, que ele desdobrou em inúmeros trabalhos importantes de exegese e de história das doutrinas e formas culturais do cristianismo primitivo (Moingt, 1972). A sua proposição, de que “no dia em que o estrangeiro se transforma de inimigo em hóspede, a comunidade humana terá sido criada” (Noguero, 2019: 80, nota 27), estrutura a resposta à tensão entre as duas concepções de hospitalidade. Noguero realiza duas opções importantes, que mostram seus pressupostos.

A primeira, é a escolha da categoria da “tipologia”. Essa categoria é uma proposta do início da carreira teológica de Jean Daniélou (1950), e especifica-se em textos de grande rigor. Daniélou é especialista na leitura da Bíblia realizada pelos teólogos cristãos que escreveram até

o ano 325, quando se deu a entrada mais forte de categorias especulativas no pensamento teológico. Até ali a teologia e a filosofia dos chamados Santos Padres era mais permeável ao neoplatonismo e a outras fontes de pensamento, justamente por depender mais da contemplação da centralidade da hospitalidade ilimitada, concentrada nos fatos históricos e simbólicos que gravitavam ao redor da existência de Jesus de Nazaré. De fato, Noguero oferece uma expansão da ideia de tipologia dos hóspedes (p. 80 - 86). O cristianismo, adotando a tipologia como principal mecanismo de interpretação até o Concílio de Nicéia, estabeleceu uma forma especular de estruturar a formação para as práticas, ou seja, entendendo a prática de fé e de vida como imitação e atualização das ações recebidas na fé (Daniélou, 1968). Isso não se perdeu, mas foi sendo tensionado com a evolução histórica do Cristianismo, desde a criação de uma verdadeira cristandade, com Constantino (Simonetti; Prinzivalli, 2011; Odahl, 2004).

A segunda premissa de Noguero é colocar a destruição de Sodoma em perspectiva. Ele retoma aqui uma tradição antiga, que atribui a destruição da cidade à inospitalidade, ao invés das teses sobre práticas sexuais consideradas tabu desde o século XVII (Noort; Tigchelaar, 2004). Segundo essa leitura, a cidade foi destruída por conta de um pecado contra a sacralidade do hóspede. Os atos libidinosos contra homens e concubinas, narrados pelo texto, foram considerados como de menor importância, comparados com o ato sexual forçado contra hóspedes. Isso levou a cidade à ruína. Pode-se remeter aos exegetas o papel de reposicionar aqui as considerações acerca do patriarcado e à função repressora do imaginário masculino. O fato é que este texto está no entroncamento de uma guinada importante na história da teologia e da formação do imaginário Ocidental, iniciada na operação interpretativa de Orígenes de Alexandria, que escreve comentários inspirados para mostrar que esses textos têm uma finalidade espiritual – e assim escapa da crueldade das narrativas. Um dos textos mais famosos de Orígenes é exatamente um comentário ao livro dos Juízes (Orígenes, 1993).

6 Da teofania à antropofania

A **terceira parte** do livro, por fim, assume a tese da concepção judaico-cristã de Daniélou para desdobrar o entendimento da hospitalidade a partir da experiência do Deus que se rebaixa à condição de comensal com a humanidade (p. 89-93). As estadias de Deus, por um lado, e o estabelecimento do sacrifício, como prática, formam a base para a construção da doutrina

teológica da *kenosis* (rebaixamento; esvaziamento; descida). Para a teologia constitutiva da Igreja dos primeiros séculos, Jesus é a segunda pessoa da Trindade que “se faz carne”, assume uma existência humana em carne viva, para fazer conviver os dois idiomas, a divindade e a humanidade. Assim, eleva a humanidade à possibilidade de se comunicar com Deus.

Essa doutrina teológica é a chave da obra, por exemplo, de Atanásio de Alexandria, importante autor do século V que foi um dos que mais contribuíram para fixá-la (Odahl, 2004; Steenberg, 2009). Mas a doutrina da encarnação, que se estabilizou como dogma, ganha uma tinta hospitaleira na reflexão de Noguero. Na língua grega, o “se fez carne” também pode ser traduzido como “armou sua tenda”, hospedou-se no seio da humanidade (Jo 1, 14). O que aponta para a possibilidade de releitura de toda a teologia cristã, no sentido de uma recuperação da tradição abramica, que é uma condensação da fecundidade da hospitalidade. Assim sendo, aparece no texto mais do que um comentário sobre a hospitalidade em geral, ou em tradições particulares. Uma imagem da perfectibilidade humana.

De fato, a leitura oferecida do Novo Testamento não quebra o padrão do livro, mas o radicaliza. Continua esquemática, anotando e sugerindo sempre. Começa afirmando a condição de hóspede de Cristo, constituindo uma admirável indexação de sugestões para aproximar o estudo da hospitalidade da doutrina da *kenosis*, ou encarnação (95-105), e assim termina o livro. Suas páginas finais serão exploradas em seguida.

Noguero colhe muito bem a concentração, para a cultura abramica que se torna plena no cristianismo quando afirma que “[...] porque agora o homem é filho de Deus, sua hospitalidade comporta a *fraternidade entre o homem e Cristo*” (p. 96, grifo do original). Mesmo anotando (p. 96) que o cristianismo, em momentos violentos da sua história, chegou a desfigurar a hospitalidade, Noguero retoma a vocação que se lhe aparece como mais importante, na figura de Bento de Núrcia, fundador do monaquismo beneditino. Na regra para os mosteiros, ele exige que os monges recebam aos hóspedes “como ao próprio Cristo” (p. 98). Bento é patrono da Europa e do turismo.

Esta forma de expor o assunto respeita a dinâmica da narrativa abramica, estabelecendo o comércio da presença humana – o receber, o acolher e o negociar as regras – como um gesto teofânico, ou seja, revelador da transcendência de fatos que apontam para uma presença do divino. A sequência de um encontro e uma acolhida, seguidos de uma revelação, é apontada na

literatura como sendo o eixo da dinâmica da teofania (Savran, 2005). Assim, se Deus é acolhido, como na narrativa de Gênesis 26; se no livro dos Juízes, indigna-se com a inospitalidade a ponto de destruir uma cidade inospitaleira; se Deus é presente no filho que requalifica toda a vida humana, então a hospitalidade é dotada, como prática e como patrimônio a ser preservado, de uma riqueza que a faz tornar-se uma ferramenta para que o ser humano ultrapasse os próprios limites, ingressando no horizonte do simbólico, na institucionalização dessa prática. A regra de São Bento reza (p. 98, nota 4) que “[e]m todos os hóspedes que chegam e que saem adore-se, com a cabeça inclinada ou com todo o corpo prostrado por terra, o Cristo que é recebido na pessoa deles”. A transcendência, nas religiões abramícas e no cristianismo, acontece principalmente através da atuação da hospitalidade, que estrutura todo o edifício.

O livro se encerra com um esboço de exegese em sentido tipológico, de dois grandes eventos da vida de Jesus e, por extensão, fundantes para toda a história do cristianismo. Trata-se de uma oferta de “análise histórica” da modalidade segundo a qual Jesus foi hóspede (p. 105 – 110). Segundo Noguero, a partir de uma engenhosa especulação, Jesus nasce em uma hospedaria (p. 106) e em uma hospedaria celebrou a última ceia com os discípulos (p. 108). A hipótese de Noguero espelha a forma de refletir dos primeiros cristãos – como Orígenes (1993) - e rabinos que, depois de explicar o sentido literal do texto, especulavam para edificar a plateia. Eles entendem o texto em sentido literal como objeto de tradução - *Peshat* -, e o diálogo entre as pessoas, e sua edificação, como especulação - resgatada no termo *Derash* (Halivni, 1991). Assim Noguero procede, indexando os temas a partir de um entendimento da história fundado na teologia de Henri de Lubac e Jean Daniélou. Ele entrega isso delicadamente na página 55 (“[...] nós cristãos [...]”). A forma como lê os textos é alimentada pela teologia da encarnação e por uma metafísica neoplatônica, que herda dela.

7 Caminhos abertos

O que pensar de um texto forte que, ao mesmo tempo, contém tantos momentos em aberto? A hipótese aqui proposta é de que o livro funciona como um indexador heurístico. É como se fosse um passeio por pontos importantes que merecem detido aprofundamento e reflexão. Um texto que é chave para se estudar a biblioteca e as referências de uma autoridade em teoria do turismo, sabendo que, para ele, a alma do turismo é a hospitalidade. Por sua vez,

Noguero avança para a consideração da hospitalidade como a alma, não apenas do turismo, mas do ser e do existir humanos. Ou seja, como categoria fundamental para reler o melhor da cultura que ele conseguiu selecionar. A flor da cultura parece ser, no livro, a hospitalidade jamais esquecida na sua experiência das tendas dos beduínos. Parafrazeando Derrida, que afirmou que a hospitalidade é o mesmo que a cultura (Derrida, 2000), talvez para Noguero a hospitalidade fosse mesmo a porta do céu – que é uma casa de hospedagem.

O que aparece com mais solidez de uma primeira leitura atenta do texto é a abertura de uma agenda humanista para o estudo do turismo, com atenção especial para diálogos teológicos. O rico material trazido na "bibliografia", nas páginas 111-120 do livro, dá testemunho disso. O turismo é a grande negociação de espaços, valores e afetos, que acontece entre seres humanos – capazes de aprender quão profunda é a experiência da hospitalidade. Ela é humanizante, enquanto produz a humanidade, como espécie capaz de solidariedade e de abertura. Em certo sentido, ela é facilitadora da “antropofania”, do aparecimento do ser humano a ele mesmo, como aponta Gutierrez (1975). No texto de Noguero, o espaço para aprendizagem e perfectibilidade é infinito porque Deus se envolve com todo o processo, marcado pelo evento da encarnação, que se mostra como um convite a um aprofundamento sempre maior. Ele sugere até mesmo caminhos para aprofundar discussões mais técnicas como, por exemplo, a sua ideia de que o turismo é coextensivo à hospitalidade. O que permite supor que está afirmando uma dialética ou uma tipologia, na gênese da experiência e do conceito. Assim ele convida a pensar se, e até que ponto, a prática turística consegue ser uma prefiguração do *agápe*, a maior altura à qual a industrioseidade humana consegue aceder. Por ser participação da ação divina, ou por possuir qualidades tão nobres que recusam adjetivos redutores de sua amplitude.

Referências

- Anderson, J. S. (2015) *Monotheism and IHWH's appropriation of Baal*. London, New Delhi, New York, Sidney: Bloomsbury.
- Baden, J. S. (2013) *The promise to the patriarchs*. Oxford: Oxford University Press.
- Badiou, A. (2009) *Pocket Pantheon. Figures of postwar philosophy*. Translated by David Macey. London; New York: Verso.
- Baker, R. (2016) *Hollow men, strange women: Riddles, codes and otherness in the book of Judges*. Leiden and Boston: Brill.

- Bennington, G. (2010) *Not Half No End. Militantly Melancholic Essays in Memory of Jacques Derrida*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Daniélou, J. (1950) *Sacramentum futuri: Études sur les origines de la typologie biblique*. Paris: Beauchesne.
- Daniélou, J. (1968) *La catéchèse aux premiers siècles*. Paris: Fayard-Mame.
- Daniélou, J. (1991) *Théologie du judéo-christianisme*. Paris: Desclée / Cerf.
- Demmer, K. (1995), *Christi vestigia sequentes*. Roma: Pontificia Università Gregoriana Editrice.
- Derrida, J. (1974) *Glas*. Paris: Galilée.
- Derrida, J. (1997) *Adieu à Emmanuel Lévinas*. Paris: Galilée.
- Derrida, J. (2000) Hospitality. *Angelaki. Journal of the theoretical humanities*. Vol. 5, Number 3, December, p. 3 – 18.
- Engelen, E. M.; Fleischhack, C.; Galizia, C. G.; Landfester, K. (2010) [*Heureka - Evidenzkriterien in den Wissenschaften: Ein Kompendium für den interdisziplinären Gebrauch*](#). Heidelberg: Spektrum Akademischer Verlag.
- Esposito, J. L. (2009). Islam. Overview. In John L. Esposito (ed.). *The Oxford Encyclopedia of the Islamic World*. Oxford: Oxford University Press.
- Georgescu-Roegen, N. (1971) *The entropy law and the economic process*. Cambridge: Harvard University Press.
- Grypeou, E.; Spurling, H. (2013) *The book of Genesis in late antiquity. Encounters between jewish and christian exegesis*. Leiden and Boston: Brill.
- Guest, D. (2019) *IHWH and Israel in the book of Judges. An object-relations analysis*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Gutierrez, G. (1975) *Teología de la liberación. Perspectivas*. Salamanca: Sígueme.
- Halivni, D. W. (1991) *Peshat and Derash. Plain and applied meaning in rabbinic exegesis*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- Healey, J. P., Peace, in Freedman, D. N. (Ed.) (1992) *Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday.
- Hewer, C. T. R. (2006) *Understanding Islam. The first ten steps*. London: SCM Press.
- Houston, F. S. (2015) *You shall love the stranger as yourself: the Bible, refugees and asylum*. London: Routledge.
- Kearney, R.; Semonovitch, K. (ed) (2011) *Phenomenologies of the stranger: between hostility and hospitality*. New York: Fordham University Press.

- Khosravi, S. (2010) *Illegal traveller. An auto-ethnography of borders*. New York: Palgrave Macmillan.
- Klein, L. R. (1989) *The triumph of irony in the book of Judges*. Decatur, GA: The Almond Press.
- Long, K. S. (2000) *Divine economy. Theology and the market*. London and New York: Routledge.
- Mauss, M. (2003) Ensaio sobre a dádiva. in: Mauss, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- Meliá, B. (2016) *Camino Guaraní: De lejos venimos, hasta más lejos caminamos / Guaraní Rape: momyrygui niko jaju, momyryvénte jaguata*. Asunción, Paraguay: Imprenta salesiana.
- Moingt, J. (ed.) (1972) *Recherches de science religieuse. Judéo-Christianisme. Recherches historiques et théologiques offertes em hommage au cardinal Jean Daniélou*. Tome 60 - Année 1972. Cléder, Toulouse.
- Mühling, A. (2011) *'Blickt Auf Abraham, Euren Vater': Abraham Als Identifikationsfigur Des Judentums in Der Zeit Des Exils Und Des Zweiten Tempels*. Oakville: Vandenhoeck & Ruprecht.
- Natali, C. (2013) *Aristotle. His life and school*. Princeton: Princeton University Press.
- Noguero, F. T. (2019) *A hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões*. Tradução de Alexandre Panosso Netto. São Paulo: Ideias & Letras.
- Noort, E.; Tigchelaar, E. (ed.) (2004) *Sodom's sin. Genesis 18-19 and its interpretations*. Leiden and Boston: Brill.
- Odahl, C. M. (2004) *Constantine and the christian empire*. Abingdon and New York: Routledge.
- Orígenes (1993) *Homélie sur les Juges*. Introdução, tradução, notas e índice por Messié, P; Neyrand, L.; Borret, M. Paris: Editions du Cerf.
- Orzel, C. (2017) *Das Heureka-Prinzip: Entdecke den Wissenschaftler in dir*. Berlin und Heidelberg: Sprinver Verlag.
- Peet, R.; Watts, M. (Ed.) (2004) *Liberation Ecologies. Environment, development, social movements*. 2nd Edition. London and New York: Routledge.
- Peristiany, J. G.; Pitt-Rivers, J. (eds) (1992) *Honor and grace in anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rabinovich, S. (2017) La paradoja beduína. *Nómadas* 47, Octubre de 2017. Universidad Central – Colombia. p. 173-185.
- Rahner, K. (1964) *Nature and grace. Dilemmas in the modern Church*. New York: Sheed and Ward.

- Ravenna, A.; Federici, T. (1978) *Commento alla Genesi (Bereshit Rabba)*. Torino: UTET.
- Roem, P. (1993) *Pseudo-Dionysius. A commentary on the texts and an introduction to their influence*. New York, Oxford: Oxford University Press.
- Sassen, S. (2014) *Expulsions. Brutality and complexity in the global economy*. Cambridge, Massachusetts and London, England: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Savran, G. W. (2005) *Encountering the Divine: theophany in biblical narrative*. New York: T & T Clark International.
- al-Sheikh, Y. I. (2006) *the five pillars of Islam*. Manura, Egito: Dar Al-Manarah.
- Simonetti, M.; Prinzivalli, E. (2011) *Storia della letteratura cristiana antica*. Bologna: Edizioni Dehoniane.
- Smith, D. E. (2003) *From symposium to Eucharist: the banquet in the early Christian world*. New York: Fortress Press.
- Soggin, J. A. (2000) *Storia d'Israele. Introduzione alla storia d'Israele e Giuda dalle origini alla rivolta di Bar Kochba*. Brescia: Paideia.
- Soggin, J. A. (2002) *Israele in epoca biblica. Istituzioni – Feste – Ceremonie – Rituali*. Torino: Claudiana.
- Stenberg, M. C. (2009) *Of God and man. Theology as anthropology from Irenaeus to Athanasius*. New York: T & T Clark.
- Von Rad, G. (1975) *Estudios sobre el Antiguo Testamento*. Salamanca: Sigueme.
- Wolfson, H. A. (1962), *Philo. Foundations of Religious Philosophy in Judaism, Christianity and Islam*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Young, F. M. (2001) *Biblical exegesis and the formation of christian culture*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Artigo recebido em: 02/07/2019

Avaliado em: 03/08/2019

Aprovado em: 12/08/2019